



Grupo Interinstitucional  
de Pesquisa em Educação  
de Surdos



# A autoavaliação dos intérpretes de língua de sinais na sala de aula

Autores  
Gustavo Thomas Stein (UNIBIC)

Orientadora  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maura Corcini Lopes

## Apresentação

Este estudo é um recorte de uma pesquisa maior intitulada *Os Intérpretes de Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) no Rio Grande do Sul (RS)*, que propõe-se a averiguar a situação em que os intérpretes de língua de sinais estão inseridos.

## Objetivo

Verificar como os intérpretes de língua de sinais avaliam suas atuações dentro de sala de aula.

## Metodologia

Foram analisados 48 questionários respondidos por intérpretes de língua de sinais.

## Resultados, análises e conclusões

Este trabalho foca a atenção no intérprete de Libras devido a pouca atenção pedagógica dedicada a ele e ao trabalho de mediação linguística que desenvolve na escola. Então, trabalhamos com a autoavaliação desses profissionais, tendo em vista que Hoffmann (2001) coloca que uma das condições que permite a qualificação dos processos de ensino e de aprendizagem de todos os envolvidos na ação pedagógica é, além de promover espaços de autoavaliação na escola, avaliar constantemente as práticas pedagógicas. Considerando tal entendimento e o contexto da educação de surdos, mais especificamente, a relação entre professor, aluno surdo e intérprete, faz-se necessário além da promoção de momentos de (auto)avaliação de professores e de alunos, também dos intérpretes de Libras. Entre os 48 questionários analisados, em 60,42% das respostas os intérpretes responderam que suas atuações são “medianas”, e, para tais respostas, foram utilizados os seguintes critérios: precariedade das condições de trabalho; falta de conhecimento do planejamento do professor; falta de valorização profissional; não conclusão da formação de intérprete; e, insegurança no momento da interpretação. 19 ILSs avaliaram sua atuação em sala de aula como “boa”, “ótima”, ou “excelente”, ou seja, 39,58% dos ILSs que responderam ao questionário avaliam como positiva as suas atuações dentro de sala de aula. Os critérios utilizados pelos professores em sua autoavaliação foram: domínio de língua de sinais e atualização profissional. Para análise dos dados acima referidos, apoiamos-nos em Lacerda (2009), que nos permite afirmar que a formação dos intérpretes que atuam no campo da educação e, mais especificamente, na escola, deve ser diferenciada, pois o aluno surdo necessita estreitar laços em língua de sinais e o faz tendo o intérprete como referência. Assim, conclui-se que o desconhecimento por parte do professor dessa relação identitária pode interferir negativamente no processo de interpretação/tradução, bem como na imagem que o intérprete faz de si. Também conclui-se que o não domínio da língua de sinais somado a não profissionalização e a insegurança gerada por tais razões, podem prejudicar os processos de ensino e de aprendizagem dos alunos.

## Referências

- HOFFMANN, Jussara. **Avaliar Para Promover**: as setas do caminho. Porto Alegre: Mediação, 2001.
- LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. **Intérprete de Libras**: em atuação na educação infantil e no ensino fundamental. Porto Alegre: Mediação/FAPESP, 2009.
- LOPES, Maura Corcini. **Surdez & Educação**. 2.<sup>a</sup> edição, Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

